

# COMERCIO DA AJUDA



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão: Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

JÁ dissemos neste útil jornal, baseando-nos no resultado da análise feita em 22 do mez passado, e que temos em nosso poder, que a água que abastece o chafariz do Cruzeiro da Ajuda, o marco fontenário da Rua da Bica, e duas bicas do chafariz do Largo da Paz, é potável, portanto própria para consumo; e consta-nos que igual resultado obteve a Ex.<sup>ma</sup> Junta da nossa freguesia, da análise que mandou proceder. Então porque é que a Camara mandou colocar novamente aquelas fatídicas taboetas que a dão como imprópria, e que o Povo, na sua ansia de se emancipar das peias burocráticas, em que muitas vezes suplanta os seus dirigentes, já havia arrancado? Que providencias deu a Camara para substituir a água que diz inquinada? Nenhumas. Então não brinque com quem não pode beber água do Luso.

PARA a inauguração da Esplanada Belém-Jardim, recebemos um amavel convite. No próximo número, faremos referencia detalhada a este importante melhoramento de Belém.

RECEBEMOS da Junta de Freguesia de Belém, duas senhas para um budo que distribuiu em 28 de Maio p. p., as quais agradecemos em nome dos nossos pobres.

E' com bastante prazer que escrevemos a palavra melhoramentos, em especial, quando, como hoje, é para dizer que se fizeram alguns, em beneficio da nossa freguesia. Terminaram esta semana os trabalhos de calcetamento da Rua do Cruzeiro, que há muitos anos estava intransitável. Levou seu tempo a concluir, 15 mezes, e não ficou obra perfeita, mas está no entanto muito boa e para durar.

E agora estão fazendo o mesmo na Rua Augusto Gomes Ferreira, aquele bocado de rua que liga o Cruzeiro ao Largo da Ajuda, e construindo passeios, de que bem precisava. Assim sim! Oxalá que outros se sigam, que bem necessários são.

## BAIRRO ECONÓMICO DA AJUDA

Muitíssimas vezes nos temos referido a este assunto, que é no momento presente, um dos mais importantes para a nossa freguesia.

Bastantes cartas temos recebido de vários habitantes da Ajuda, que se nos dirigem verdadeiramente preocupados, por lhes constar, que o interessante Bairro Económico, seria sómente habitado por funcionários militares e civis.

E' facto que no dia 7 de Março de 1932, saíu no «Diário do Governo» um decreto que diz entre outras coisas, o seguinte:

«Não se perde de vista o fim com que se têm construído as casas económicas do bairro da Ajuda, e por isso, ao mesmo tempo que se fixam quantias relativamente pequenas para base de licitação, faculta-se ao arrendatário a compra da casa que habite; e com o mesmo intuito são preferidos para inquilinos os funcionários civis ou militares nas condições neste decreto indicadas, estabelecendo-se ainda certas restrições, atinentes á consecução de que ninguém possa vir prejudicar quem mais do que outro precise de moradia.

«O Estado dará de arrendamento as casas, por meio de arrematação em hasta pública ou por proposta em carta fechada e lacrada.

«§ 1.º Serão preferidos como arrendatários os funcionários civis ou militares cujas funções sejam exercidas na freguesia da Ajuda e, entre estes, os que estejam a pagar renda superior a 25 por cento do seu vencimento total mensal e tenham familia mais numerosa que com eles viva».

Esta, é a letra do decreto publicado e que até á data ainda não foi revogado.

Neste nosso modesto jornal, já oportunamente tivemos ocasião de condignamente apreciar o respectivo decreto. Não concordámos, como ainda hoje, que num caso desta natureza, sejam dadas preferências a esta, ou áquela classe. As casas, quanto a nós, deveriam ser arrendadas em primeiro lugar, aos que vivem nas decantadas barracas, que são uma das maiores vergonhas da nossa freguesia. E então depois, seriam alugadas indistintamente aquelas que sobrassem. Este é o nosso critério desde o primeiro dia.

Conhecemos muito bem qual foi a nobre intenção do autor da iniciativa deste Bairro Económico. Ele procurou auxiliar aqueles que menos rendimentos possuíam,

NA passada segunda-feira reuniram no salão do Belém-Club, grande número de habitantes da freguesia de Belém e Ajuda, para tomarem conhecimento das representações que vão ser entregues á Câmara Municipal e á Carris de Ferro, sobre a antiga aspiração de se estabelecer a linha eléctrica Rossio-Ajuda-Belém.

As juntas e comissões de melhoramentos das duas freguesias convidaram para a presidência o Sr. coronel Linhares de Lima, presidente da C.M.L., que expoz os fins da magna reunião. Pediu á numerosa assistência para delegar no sr. coronel Homem de Figueiredo o encargo de presidir áquella sessão, devido á sua situação official o chamar nesse momento a comparecer em S. Carlos, na conferencia que ali se estava efectuando.

O sr. coronel Homem de Figueiredo convidou para secretários os srs. coronel Coutinho Gouveia, capitão Gouveia e presidentes das Juntas de Belém e Ajuda.

Depois de ter saudado a Junta o Sr. Laurentino Simões, seguiu no uso da palavra o secretario sr. Antonio do Rosário Duarte, que leu as representações a entregar á Camara e Carris, que muito bem calaram no animo dos assistentes.

Fala seguidamente o presidente da Junta da Ajuda, sr. Lamas Moreira, que defendeu as vantagens que ha para a Ajuda na construção da linha pedida.

Pediu a palavra o sr. Bastos Nunes, director do nosso colegio «Ecos de Belém», que elogiou a acção das Juntas e Comissões de Melhoramentos, incitando-as a que prossigam na defeza dos magnos problemas que ora se debatem em beneficio das duas freguesias, ao mesmo tempo que alvitra a grande vantagem em o povo das duas areas, acompanhar as comissões quando da entrega dos documentos votados.

O sr. dr. Pinto da Rocha focou o assunto sob o aspecto clinico, tendo feito interessantes comentarios, que mereceram os mais vivos aplausos.

Ainda falaram sobre o assunto os srs. inspector escolar Ricardo Alberty, que foi recebido com uma salva de palmas e Antonio Pratas, que foi tambem aplaudido. O nosso jornal tambem se fez representar.

(Continua na página 7)

**A Favorita da Ajuda**

DE

**ANTONIO DIAS**

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas  
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

**LIBANIO DOS SANTOS**VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

**A MARGEM DUMA REUNIÃO****A AJUDA DO NOSSO TEMPO**

Que me perdõe o ilustro e erudito articulista da «Ajuda de outros tempos» Ex.<sup>mo</sup> Sr. Alfredo Gameiro as pequenas citações feitas neste desprezencioso artigo, acerca da nossa Ajuda mas o motivo imperioso da defesa dos interesses dos habitantes da freguesia obrigou-me a fazer neste, que substituítei «Ajuda do nosso tempo» citações históricas que melhor cabem na «Ajuda de outros tempos».

Posto o acima, passo a dizer aos leitores de «O Comércio da Ajuda» que a impressão recebida em 5 do corrente, na reunião do Belém-Club, foi de que se pretendeu sómente defender os interesses duma população em detrimento de outra, isto é, sómente se pretende o estabelecimento duma linha de electricos para que o mercado de Belém possa continuar a viver.

De facto, Belém, cujos Paços do Concelho eram situados na freguesia da Ajuda, com belos monumentos, museus, jardins e alamedas, de população diminuta não tem as condições de vida necessárias a um comércio intenso como é óbvio.

Mas com estas condições apontadas acima, não seria mais humano, mais equitativo e mais justo que, os habitantes do antigo Restelo, de históricas recordações e da praia donde partiram as armadas que sulcaram os mares nunca dantes navegados, pensassem em fazer da sua terra um centro turístico e evocador das glórias passadas de Portugal, deixando aos outros nucleos de população o procurarem bastar-se a si próprios?

Julgo que assim deve ser, o ajudense como sou, necessito mais de ter na minha terra água, escolas, higiene, iluminação, boa pavimentação e finalmente o mercado, onde possa obter os nabos e as couves sem ter que onerar o seu custo com o preço duma zona de electrico, visto que na travessa

da Boa-Hora foram construídas casas para esse fim.

Quero sim a ligação da freguesia da Ajuda com a sua filha «Belém» mas que essa ligação não seja feita sómente para o desenvolvimento comercial de Belém, visto que a freguesia da Ajuda tem, segundo as estatísticas, o dobro da população da de Belém.

A população da Ajuda é em geral constituída por humildes operários, funcionários e pequenos empregados cujos honorários são diminutos.

Não teve na reunião de 5 do corrente a freguesia da Ajuda uma voz que se levantasse a defender os seus interesses, pois julgo que todos os ajudenses que ali compareceram foram apanhados de súbito para darem força com a sua presença ao pedido formulado por uma população que vê cerceados os seus interesses.

Eis a traços largos o que sou obrigado a dizer aos meus concomitantes pois estou habituado a alto e bom som proclamar sempre o que penso acerca dos pedidos ou reclamações dos outros individuos.

Como ajudense reclamo (visto que pedindo arrisco-me a dar entrada na Mitra), água, escolas, higiene, casas, boa pavimentação das ruas, abertura do Jardim Botânico, mercado hortícola e agrícola — primeiro que tudo, como necessidade instante e imperiosa — e, para recreio e melhoria do bem estar, então a ligação de electricos.

*Viriato Pedro da Silva.*

**JARDIM BOTANICO DA AJUDA**

Aparentemente, o isolamento a que está votado o que poderia ser lindo Jardim Botânico da Ajuda, limita-se a privar-nos daquele recreio tam aprazível. Mas tal desleixo traz-nos um flagelo, mais um (como se não fossem abundantes os que assolam esta pobre freguesia) e que tanto atormenta a parte da população que tem a infelicidade de morar no redor do citado jardim. Este flagelo é a praga de mosquitos, criados nas aguas lodosas dos lagos, e que invadem as habitações, não deixando socegar aqueles que têm a infelicidade de ser visitados por tais insectos. Porque oferece certo perigo, pedimos, em nome das vítimas, as providências que o caso requer.

**Ao de leve...****O DICK**

Os senhores conhecem-no, com certeza. O Dick é das figuras marcantes do nosso bairro, é dos nomes mais conhecidos, mais populares da Ajuda destes tempos... Já o devem ter visto: quando aí pelas quatro da tarde a rapaziada em tropel sai das escolas, correndo desenfreados, como doidos, a calçada da Ajuda, gritando a toda a gana dos juvenis pulmões a um cão que vai correndo e pulando tão doido como eles — Dick! Dick! — é esse o Dick. O Dick é um canzarrão enorme, perdigueiro, pertencente a um dos proprietários do jornal — o Dick é do jornal — é nosso portanto. Nada se passa nas imediações da Calçada da Ajuda que o Dick não tome parte: um desastre, um ajuntamento, e ele lá está, em tudo metendo o focinho. Entra e sai nos carros eléctricos como se os veículos da digna Companhia Carris fôsem por ele terreno conquistado... É um cão de raça mas tem um defeito: serve para tudo menos para a caça. É manso e meigo como um cordeiro. Como como um lobo — brinca como uma creança.

A's vezes encontram-se na redacção amigos do jornal. Quando menos se espera, o Dick passa, desenfreado, agitando velozmente a cauda duríssima cujo extremo, no movimento continuo de vai-vem, colhe no seu raio de acção os nossos pobres joelhos, doendos como se fôsem fustigados por um pau...

Sucedeu um dia na redacção um caso que pelo imprevisto de que se revestiu serviu a todos de franca rizada. Cêrca de meia duzia de pessoas conversando e mestre Dick sentado a meio, muito socegado. De repente, sentindo qualquer necessidade — Oh Ceus! — o Dick levantara-se e, alçando uma perna, fizera nas calças dum dos circunstantes, com a maior naturalidade, aquilo que eles (os cães, bem entendido) costumam fazer habitualmente de encontro aos muros...

*Af. Aço.*

**Santos & Brandão**

CONSTRUCTORES

Serralharia \*\* Forjas \*\* Caldeiraria  
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

**PEROLA DA AJUDA**

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres  
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros .... Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

**LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>**

Travessa da Bôa-Hora, 22 e 24 - Ajuda

**LISBOA**

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mesa

LICORES E TABACOS

**DROGARIA SANTOS**

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende:

**Drogas, produtos químicos, tintas  
de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias.****142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA**

TELEFONE BELÉM 220

**TRANSPORTES DO ALTINHO** A. A. JERÓNIMO  
Suc. de Sebastião dos Santos

Carruças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

**Rua das Casas de Trabalho, 109****José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)**

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

**33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA**

TELEFONE BELEM 56

**ANTONIO DUARTE RESINA**

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda  
o primeiro se venderam e continuam vendendo os bons**VINHOS DE CHELEIROS**encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira  
qualidade, a preços razoáveis**Manoel António Rodrigues**

COM

**VACARIA E LEITARIA**

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

**202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA****ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>****PADARIA**

Fornecer pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

**Pérola do Cruzeiro**

DE

JOÃO DE DEUS RAMOS

Géneros alimentícios de primeira qualidade

Especialidade em chá e café — Vinhos finos, do Pôrto e de pasto

Azeites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — LISBOA — Telef. B. 634

**Farmácia Mendes Gomes**

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas

PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas

ALVES PEREIRA - 4<sup>as</sup> feiras ás 9 h.

FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno ás terças-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telefone B. 456

**José António Rebelo de Avelar**

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. —  
Ferragens. — Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro  
fundido e laminado. — Ferragens para construção e marcenaria.  
Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C. do Galvão, 127 — Telef. B. 83

**A. D. RESINA, L.<sup>DA</sup>**

Armazem de Cereais, Legumes, Semeas, etc.

VENDEM AOS MELHORES PREÇOS NAS MELHORES CONDIÇÕES DO MERCADO

**CAFÉ CONFIANÇA**

(MARCA REGISTRADA)

Deposito para Revenda: 27 A, RUA DE ALCANTARA, 27 D

Telef. B. 254

LISBOA

**Amândio C. Mascarenhas**

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA

SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas  
e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor  
e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. B. 496

**CONSTRUTOR CIVIL**

Inscrito na Câmara Municipal de Lisboa

PROJECTOS E ORÇAMENTOS

Rua da Bica do Marquez, 5 — LISBOA

**FOTOGRAFIA CINEMA**

A mais perfeita execução em todo o género de fotografia

6 postais, com brinde, 15\$00

Retratos para passes desde 4\$00 a duzia

R. do Sacramento, 26, 1.<sup>o</sup> (á Pampulha)

**A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.<sup>DA</sup>**  
**OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO**  
 Travessa de Paulo Martins, 18  
**AJUDA — LISBOA**  
 TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como:  
 livros á antiga, amador  
 e escrituração comercial  
 Copiadores, caixas e pastas para arquivo.  
 Armam-se pastas de fantasia e bordadas  
 Envernizam-se mapas

**V**OLTANDO a falar do Grupo Dramatico Ajudense, resta-nos dizer que durante alguns anos teve uma existencia brilhante, até que mais tarde se dissolveu. Alguns sócios, porém, resolveram imediatamente estabelecer-lhe um successor e fundaram em Alcolena o

Resto-nos citar a Sociedade existente na Rua do Jardim Botânico, e que em 1912 foi fundada sob o titulo de Troupe Musical «O Zé». Durante muito tempo

de parçaria com outros já citados se evidenciaram no antigo Taborda, o Faria, Queiroz, Izidoro, Leoni, Salazar, Sérgio de Almeida, Carlos Bayard, Simões, Alvaro, António Pedro, Amélia Barros, Vale, Pato Moniz, Carlos O' Sullivan, Bárbara e Rosa Pais; podendo também en-

## As Sociedades de Recreio

esta sociedade se impôs pelo incontestável valor do seu núcleo musical, constantemente preferido para abrihantar as festas doutros clubes.

Rasões que desconhecemos obrigaram, todavia, ao desaparecimento da parte musical da sociedade, passando então a denominar-se Ajuda-Club, e organizando o grupo dramático que chegou a ser considerado entre os primeiros do género. Cultiva também o desporto.

Dispondo de amplas e formosas salas, esta sociedade tem a satisfação de aver com assuidade frequentadas pela sua numerosa população.

E julgamos oportuno dizer agora o que pode ser tomado como um preito de justiça, e propositadamente guardamos para fecho do nosso humilde trabalho.

Pungiu-nos dolorosamente o ver que num livro publicado recentemente, o seu autor, referindo-se a amadores dramaticos, mostre por eles um acentuado desdém, tratando-os por *furiosos dramaticos*.

Não sabemos a que possa atribuir-se a má vontade no livro manifestada, pois que o autor em questão, profundo conhecedor de assuntos de teatro, deve saber que alguns desses *furiosos* têm, nos seus trabalhos, ombreado com autenticos profissionais, e que nos tempos em que as aulas de teatro do nosso Conservatório, embora dirigidas por eminentes professores, como José Carlos dos Santos, de inolvidavel memoria, e Dr. Luiz da Costa, tinham apenas a frequência de um ou dois alunos em cada ano, era de entre os amadores que saía a maioria dos artistas que deram brilho ao teatro português.

Para o provar basta citar os nomes de alguns antigos actores, como Domingos Ferreira, Florindo, que representaram também no Teatro do Aljube, Portulez, Fortunato Pinheiro e Fernando Lima, os quais

entre outros modernos citar-se os nomes de Henrique Alves, Fernando Maia, Ferreira da Silva, Leroy, Joaquim Vaz, Venâncio, Mário Campos, Júlio Santana, Carlos Leal, Mário Duarte, Judicibus, Tristão, Chaby Pinheiro, Jesuina Saraiva, Augusta Cordeiro, Cecília Machado, Alfredo Silva, Maria Falcão, Angélica Vitor, Ricardo Silva, e tantos outros.

Bem sabemos que muitos dos rapazes que no palco pretendem colher aplausos não conseguem mais do que o sorriso indulgente dos espectadores; mas visto que de entre eles têm vindo para a cena tantos e tão valiosos elementos, justo é que os tratemos com o respeito que merecem todos os que com sinceridade procuram estudar e honestamente trabalham só pelo amor que esta ou aquela arte lhes inspira.

*Furioso* da música era, sem contestação, António Duarte da Cruz Pinto, a quem já nos referimos; e, contudo, ele bem mereceu dos seus contemporâneos pelos empreendimentos em que dispendeu tanta boa vontade, tanto esforço, com uma inegalável constância, e, pode mesmo afirmar-se, com uma indubitavel competência. Se por vezes alguns dos seus actos roçavam pelo grotesco, ou forneciam tema para anedotas, os dotes de inteligência e desinteresse, de que deu evidentes provas, tudo sebrelevavam e de tudo mais o absolviam.

Ainda há poucos anos a morte arrebatou um artista distintissimo, que, tendo sido um simples amador de música em filarmónica dos arredores de Lisboa, veio por fim a ocupar um lugar de destaque entre os professores do nosso Conservatório.

Difícil é fazer história num assunto tão escassamente documentado, e apelando simplesmente para a memória, que em vários pontos possivelmente nos terá atraído. Julgamos, contudo, ter dito algo de interessante, e com a indulgência dos leitores contamos para nos perdoarem os lapsos e inexactidões em que involuntariamente tenhamos incorrido.

Alfredo Gameiro.

**Farmacia**  
**SOUSA**

C. da Ajuda, 170  
 Telef. B. 329

Consultas  
 médicas  
 diárias

Serviço  
 nocturno ás  
 quintas-feiras



**Grafica**  
**Ajudense**

TIPOGRAFIA  
 PAPELARIA

com secções de

Tabacaria

Perfumeria

Livraria

Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176

TELEF. B. 329

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê las aos estabelecimentos de

**FRANCISCO DUARTE RESINA**

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 215, Telef. Belem 552 (antiga mercearia Malheiros)

que si encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

## PELO BEM DA AJUDA

Ex.<sup>mo</sup> Senhor:

Honrou-me V. Ex.<sup>a</sup> pedindo-me colaboração para o interessante e prestimoso jornal de V. Ex.<sup>a</sup>, que com tanto amor e denodo defende os interesses deste bairro, digno do maior apreço.

Queria já ter começado ha muito essa colaboração (prazer maior espiritual para mim que utilidade para os leitores), não só para responder á gentileza de V. Ex.<sup>a</sup>, como para ter ocasião de patentear a V. Ex.<sup>a</sup> a admiração que tenho pela Ajuda e com que vontade estarei sempre pronto a pugnar pelo desenvolvimento e pela defesa deste sitio tão formoso e dum tão grande interesse historico; porém circunstâncias de vária ordem se têm oposto até hoje a que venha oferecer a V. Ex.<sup>a</sup> a minha descolorida prosa.

E visto que «O Comércio da Ajuda» encetou uma campanha tendente a ser aberto ao publico o Jardim Botânico, permita-me V. Ex.<sup>a</sup> que inicie a minha colaboração com a franqueza de que uso em todos os actos da minha vida, declarando a V. Ex.<sup>a</sup> que discordo em absoluto de tal movimento, por ser elle altamente prejudicial não só á cultura nacional mas á saúde pública.

Existe entre nós, já de ha muito, infelizmente, a costumeira das adaptações, dos aproveitamentos, quanta vez realizados com uma pressa que não permite reflexão e que depois mostra desastres de reparação difficil. Já Garret se insurgiu na occupação por quartéis dos conventos que acabavam de ficar devolutos, e hoje vemos a cada passo, pelo país inteiro, quanto mal arrumado ficou Portugal, atirando-se para os conventos com quartéis, hospitais, prisões, arquivos, liceus, tribunais, etc.

Cada local deve ser para o fim a que foi destinado, e quando haja absolutamente de se operar nêle transformações, devem ellas ser sempre no sentido de aperfeiçoamento e nunca no de desorganisar o que está feito, e por vezes tão bem feito.

Ora é precisamente o que se dá com o Jardim Botânico. Sem ser necessario agora recordar aqui a sua historia, bastará dizer que este jardim é um recinto fechado e murado, em completa antitesse com outros jardins publicos, como o de S. Pedro de Alcantara, o da Praça do Rio de Janeiro,

o de Belém, o de Santos, o das Albertas, o da Estrela, etc. Se alguns destes têm grades, são no entanto vários os seus portões, faceis as saídas, e mais fácil a policia exercida pelos próprios cidadãos. Com o Jardim Botânico tal não succederia, porque a porta quasi ignorada da Calçada do Galvão, longe de ter utilidade, quando aberta, só poderia dar cuidados.

Depois, ou se havia de transformar totalmente o jardim, ou, como está, mal serviria elle para passeio e desafogo dos bairristas.

Veámos: 1.º A parte mais rica e curiosa do jardim é a dessas 5 estufas que ainda estão de pé; ora não me parece que sejam estufas os locais mais apropriados para o recreio deste bom povo da Ajuda.

2.º Uma parte, a extrema occidental, está em mata, e portanto ella é também absolutamente imprópria para ser franqueada ao publico.

3.º O belo terraço norte (além de ser nêle que estão as estufas) dá serventia a uma serie de compartimentos onde se fazem análises, se guardam os livros, se preparam os viveiros, se procede á colheita e escolha das sementes e sua arrecadação, ao envasamento, se guardam as diferentes terras, sendo impossivel ter estas portas constantemente fechadas á chave ou guardadas por sentinelas.

Acresce que neste recinto é que maior número de plantas envasadas permanece anualmente.

4.º O grande chão das alamedas de buxo, onde as grandes arvores são raras, se exceptuarmos uma araucaria e o lindissimo pinheiro manso do sul, carece em absoluto de sombras; pois nem a araucaria nem umas palmeiras de péssimo gosto, espinafreadas e de há muito pedindo corte, dão as belas sombras necessárias a um jardim publico de repouso, e próprio para as crianças brincar-em.

Acresce a isto que o jardim é pobrissimo de água, que as belas taças estão sempre, ou varias de todo, ou, o que é peor, com alguma água limosa, mal chegando para as regas diárias, feitas a regador, pois que não dá para os desperdícios das mangueiras.

Também a juntar á inadaptação do local, á falta de sombras e á carencia

Cumprimentos d'abertura.

— Entrando em assunto. — A mania das adaptações. — Opinião contrária de Garret.

— Tem o «Jardim Botânico» condições para jardim publico? — A um foco de infecção junta-se outro foco de infecção? — Consequencias desastrosas para o ensino e para a saúde. — A verdadeira forma de pugnar pelo bem da Ajuda... no próximo numero.

da água se conta a obra necessária indispensável, porque seria preciso deitar abaixo velhas estufas em ruina, a casa da caldeira e sua chaminé, formar ruas e largos, desbravar nucleos improprios e povoar aquele espaço de bancos apropriados.

Ora quem executaria estas obras? E quem mandaria para alio pessoal? necessário, não só de jardineiros, mas de guardas? A Camara Municipal? O Instituto Superior de Agronomia a que o Jardim Botânico pertence?

Não nos parece que a Camara fosse fazer tal obra no que não é seu, nem que o Instituto fosse desviar as atenções do seu corpo directivo, nem o pouco dinheiro do seu cofre para dar um diferente destino ao seu jardim.

Mas não nos referimos ainda ás duas principais razões a que, no começo deste artigo aludimos. Abrir ao publico o Jardim Botânico seria contrariar o fim para que elle existe, que é o de proporcionar aos alunos do Instituto matéria de estudo, fazendo-se ali culturas que estão longe de ser as indicadas para um jardim publico. Lembrem-nos por exemplo: a coleção de cactos e suas enxertias, e as estufas de que já falámos. Póde pois um jardim nestas condições servir para passeio quotidiano dos municipes, expondo exemplares de estudo a uma perda possivel, dificultando-se o estudo, subvertendo-se assim o fim a que é destinado aquele jardim? Entendemos que não.

Mas outra razão, e muito forte, me faz pedir a V. Ex.<sup>a</sup> que se desista de tal campanha: Toda a gente sabe como a Ajuda é aconselhada como sanatorio e quantos tuberculosos de

**Favorita Ajudense**

DE  
**J. J. CAETANO**

Completo sortido de Fanheiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravataria  
 Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

**Nova Padaria Taboense**  
 DE  
**ANTÓNIO LOPES MARQUES**

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUGORSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz  
**AJUDA — LISBOA**

todos os lados vêm para estas alturas em busca de alívio de seus males.

Ora consta por aí que a «Alameda dos Pinheiros» é diariamente invadida por esses infelizes, que para ali vão em busca da saúde. Como porém tudo aquilo é gente pobre e o cuidado não é nenhum, ninguém leva escarradores apropriados, cuspinhando para o chão e ajudando assim cada um a aumentar o mal geral. Mas tenho ouvido dizer que chegam a ir para ali tuberculosos que ali têm as suas hemoptis, encharcando o solo desse sangue que lhes são dos pulmões enfermos. Ora abrindo mais um jardim a tal público na Ajuda o mesmo seria que dotar este infeliz bairro com mais um foco de infecção, e isto pelo sistema muito simpático, mas muito perigoso, das nossas adaptações fáceis, das nossas idéas postas em prática, quantas vezes sem nelas se pensar dois minutos.

Mas não haverá modo de acabar com essa miséria dos Pinheiros, beneficiando a Ajuda sem se estragar o Jardim Botânico?

Creio bem que sim. E se V. Ex.<sup>a</sup> me permite, esse será o tema doutra carta, porque esta vai já muito extensa.

Resta-me por hoje agradecer a V. Ex.<sup>a</sup> todas as suas amabilidades e, terminando, peço me creia

De V. Ex.<sup>a</sup>  
M.<sup>to</sup> At.<sup>o</sup> e Ven.<sup>dor</sup> Obg.<sup>mo</sup>

Frederico Gavazzo Perry Vidal

N. R. — Ficamos, com o maior interesse, aguardando o alvitre de S. Ex.<sup>a</sup>.

## SALÃO PORTUGAL - CINEMA

Travessa da Memória — Ajuda — Telef. B. 124

SABADO, 10 — DOMINGO, 11  
**O COW-BOY E O REI**, com Tom Mix  
O melhor filme sonoro do popular artista  
**RAPAZ OU RAPARIGA?** — Opereta  
**Não diga nada a minha mulher**  
Uma anedocta graciosíssima  
Domingo, — Matinée c/o mesmo programa  
Dia 15 — **Mistério do avião correio**  
Os 6 primeiros episódios e a cine-opereta  
**Às ordens de Vossa Alteza**  
Dia 16 — **Mistério do avião correio**  
e o filme **O Rei da Graxa**

Dias 17 e 18 — **GRANDIOSA ESTREIA**  
A seguir — **A Cortezã, Precisa-se um filho e O cavalheiro audacioso**  
Dias 21 e 25 — **Robinson Moderno**  
com Douglas Fairbanks  
Dia 26 — **Não quero saber quem és e Emilio e os detectives**  
A seguir — **O Dirigível**  
Dia 27 — **FADOS** com **Armandinho e Ercilia Costa**

SEMPRE SUPER - PRODUCÇÕES

O Salão Portugal é o mais fresco de Lisboa. Brevemente grandes acções e abertura da época de verão com vários divertimentos ao ar livre.

## BAIRRO ECONOMICO DA AJUDA

(Continuado da 1.<sup>a</sup> página)

e que por esse motivo, lhes era impossível pagar rendas elevadas.

Agora mesmo, acabamos de receber uma carta em que o nosso correspondente nos pergunta, se terá que continuar a viver numa das tais baracas. Ele apela para S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro das Obras Públicas, no sentido de serem ouvidos os seus rogos.

Serenamente, temos tratado do palpitante assunto. Serenamente continuaremos a tratá-lo, convencidos como estamos, de que o próprio Governo apreciará condignamente a razão que assiste áqueles pobres necessitados dum lar embora modesto, mas confortável e que agora, vêm sumir-se as únicas esperanças do que almejavam.

## FARMACIA FIGUEIREDO

42, Calçada da Ajuda, 44  
TELEFONE B. 489

### CONSULTAS MÉDICAS

pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.:

**BARBIERI CARDOSO** (Clínica geral)  
Todos os dias às 12 horas

**FRANCISCO SEIA**  
(Olhos, ouvidos, nariz e garganta)  
Sábados às 11 horas

**MARTINS LEITÃO**  
(Doenças das crianças)  
Todos os dias às 17 horas

**PINTO DA ROCHA**  
(Olhos, ouvidos, nariz e garganta)  
Todos os dias às 19 horas

**SCHIAPPA MONTEIRO**  
(Clínica geral e partos)  
Segundas e sextas-feiras às 15 horas

Serviço nocturno aos sábados

## A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em cortice, com bolas de borracha

RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

## AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

## CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artísticas

Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

## ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

## Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

## RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117

R. da Junqueira, 293-B a 293-D

Calçada da Tapada, 47 a 53

Calçada da Ajuda, 212 a 216

Calçada da Ajuda, 154 a 156

Largo 20 de Abril, Calvár.º, 1

## Instalações eléctricas

a Prestações - Executa

## AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.<sup>as</sup> Reunidas Gaz e Electricidade  
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro eléctrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552,  
onde serão atendidos com a máxima urgência.

# MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

## DE João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maíra)

## Belem em camisa

É este o título da revista em 2 actos e 10 quadros, que os Srs. Filipe Vaz, Silvestre Silva e José Simões, escreveram e que foi estrejada no Belém-Club, no passado dia 3. Assistimos á sua *premiere*, e confessamos que bastante satisfeitos ficámos, pela cuidada interpretação, afora é claro uns pequenos deslizes, o que é natural, sabendo-se que algumas das figuras, foi a primeira vez que pizaram palco. Não obstante, vários dos amadores, mostraram uma habilidade, que não é demais encarecer, tanto na parte de dicção, como nos movimentos, naturalíssimos, sem espalhafatos, com uma compostura absoluta.

Menina Maria Batalha, muito especialmente na interpretação do «Graxa», conseguiu fazer um grande papel; foi de facto um *gaiato* interessante, cheio de vida, tendo recebido os mais fartos e justos aplausos.

Menina Carlota Sampaio, com muita desenvoltura e voz agradável nos quatro papéis que lhe foram distribuídos.

Menina Maria Lima, agradou-nos muito, pois mantém-se num á vontade absoluto.

Menina Zulmira Carvalho, não perdeu a graça de quando era pequenina e que a vimos interpretar no Belém-Club, alguns interessantes papéis. Vai muito bem especialmente no papel de «Maria». Que naturalidade e que boa dicção. Felicitemo-la.

Menina Rosa Simões, parecem-nos por vezes, no papel de «Pastel de Belém», uma verdadeira artista, quer cantando, quer dançando.

Menina Ivone Lima, na sua pequenina rábula, agradou.

Filipe Vaz, um dos autores da interessante revista, faz nada menos que nove papéis. É muito para um homem só. De todos eles se consegue salvar bem. É de facto um rapaz cheio de habilidade, e estudou como poucos, o papel e os personagens, de forma que a sua interpretação é rigorosa, o que lhe mereceu fartos aplausos.

Manuel Lúcio, não foi melhor num papel do que no outro. Foi bem em tudo que fez. Tem geito, muito geito mesmo. Conseguiu fazer rir bem a assistência, tendo tido chamadas especiais.

José Simões, outro autor da revista, desempenhou-se a contento, dos cinco difíceis papéis que tinha a seu cargo. Foi incansável na sua interpretação, pelo que muito o felicitamos.

Luís Teixeira, não nos surpreendeu em nada do que fez, visto conhecermos a sua habilidade. É de facto, um grande amador. Diz e canta muito bem. Tal facto, mereceu-lhe ter que bazar alguns números, recebendo uma carinhosa ovação.

Jorge Silveira, muito correctô no papel de «Caixeiro viajante».

Clodomiro Alves, desempenhou-se muito conscienciosamente dos dois papéis que interpretou.

Alvaro Ramos, embora com algumas indecisões, resultado da preocupação do seu cargo de contra-regra, conseguiu no entanto agradar.

Raúl Barruncho, fez três pequenos papéis, dois deles, com muito espírito.

João Silveira, num dos personagens foi interessante. A sua caracterização, perfeitíssima, completou o seu belo trabalho.

António Moutela, numa pequena rábula, não podia fazer mais.

Luiz Plá, agradou-nos no papel de «Bazardo».

Hipólito Conceição, nos dois papéis, muito bem. Agradou bastante.

Armando Carloso e Eduardo Tavares cumpriram.

Virgílio Lameiras, um pequenito que todos estamos habituados a ver nas suas traquinices, saiu-se muito bem e com a graça própria dos seus 7 anos.

Cabe agora a vez de apreciar os «Compadres»:

Casimiro Janeiro, que foi o encenador da revista, não pde fazer mais do que fez. Nos ensaios, tinha que se desdobrar. Ora ensaiava, ora interpretava o difícil papel. Agradou-nos.

M. Madeira, mantém o personagem desde o princípio ao fim. É de difícil interpretação. Contudo, salva-se.

Dos corpos corais e bailados, fizeram parte as Meninas Judite Severo e Maria Adelaide Moutela e os Srs. Alberto Bastos, José Alves e Nicolau da Silva.

As marcações dos bailados, foram feitas pelo bailarino Erasto e Casimiro Janeiro.

Cabe a vez agora de felicitar os autores da revista, que conseguiram fazer um trabalho de vulto, cheio de graça, que não ofende.

Também a música, merece especial referência. Os seus autores, D. Lucinda Duarte, Cesário Duarte e Marques, foram felizes, porque conseguiram fazer uns números que o ouvido retém com facilidade.

Os cenários, muito interessantes, da autoria de Emilio Loureiro.

As duas apoteoses, de grande efeito.

## O BEIJO

Certo beijo que um dia me deste,  
Apesar de não ser mui rogado,  
Creio bem que com êle fizeste  
Eu ficar só por ti encantado.

Era um beijo de amor, bem ardente,  
Beijo raro, de estranho sabor,  
Mas daqueles que impõem na gente  
O comêço de amar com fervor.

Nesses teus lábios bem sedutores  
Eu servi-os com louca paixão,  
E, descrendo dos outros amores  
Fiquei prêso no teu coração.

## Coragem moral

Sofrer heróicamente a existência  
Atribulada, triste e pesarosa,  
É nobre provação ou penitência  
Que torna a vida menos tenebrosa.

Encerar a sorrir o que fôr mau  
É vem amarfanhar-nos tristemente,  
É timonar melhor a nossa nau  
Tocada p'la borrasca impenitente.

Alexandre Settas.

Este número foi visado  
pela Comissão de Censura

## O Passeio a Evora

promovido pelo nosso jornal,  
promete ser revestido  
de grande brilhantismo

Como já tivemos ocasião de dizer, está despertando grande entusiasmo, entre os leitores do nosso jornal, o passeio a Evora que vamos levar a efeito no dia 3 de Setembro p. f.

Quasi uma centena de pessoas se inscreveu já no referido passeio, fazendo-se notar, pelo seu entusiasmo, o elemento feminino.

As inscrições garantem já a inscrição de 3 auto carros, mas, além destes, consta nos que tomarão parte no passeio alguns carros particulares.

Como também já tivemos ocasião de dizer, estamos trabalhando para conseguir que aos excursionistas sejam concedidas todas as facilidades de admirar tudo que em Evora haja digno de ser visto, e, assim, temos mantido uma aturada correspondencia com alguns elementos em destaque naquela cidade.

As últimas noticias recebidas garantem-nos a colaboração do jornal diário local «Democracia do Sul» e o patrocínio da Comissão de Iniciativa de Evora, por intermédio do seu digno guia-interprete, sr. Bento Rosado.

Tudo se conjuga, pois, para esperarmos que o passeio a Evora, promovido pelo nosso jornal, seja revestido de grande brilhantismo.

\* \* \*

«O Comercio da Ajuda» vai publicar uma pequena série de trechos descritivos das belezas de Evora, começando pela seguinte transcrição do «Guia de Portugal»:

«ÉVORA, a capital do Alentejo, cidade de 16.148 habitantes e uma das cinco de maior importância do país, é sede de distrito e de arcebispado e da 4.ª divisão militar. A cidade alastra-se em ampla colina de declives brandos, no planalto alentejano. Terrenos de xistos rotos por formações graníticas elevam-se a 150 m sobre o nível do mar. Como está alta, sem grandes montanhas próximas, tem largos horizontes. O clima é sêco, ar puro, céu muito azul, com lindos dias de sol. Em roda da cidade há farrejas, uma zona de quintas e courelas, com oliveiras, vinhas, e depois os campos, as herdades onde se cultivam os cereais, se criam gados, e crescem vastos montados de azinho e sôbro, de um verde escuro, severo. Sobranceira aos seus olivais e vinhedos, às terras de pão e aos montados, a cidade mostra a sua elegante linha coroada pela imponente catedral, de altas tôrres quadradas, e altozoso zimbório, que parece um elmo»

«Évora é, em todo o país, a terra de mais evocadores ambientes e de mais poéticos recantos — aquela donde se evola emfim um

# A Questão da Agua

Vejo que ha uma Comissão de Fiscalisação das Obras de Abastecimento de Aguas á Cidade de Lisboa, a quem compete verificar que as obras sejam feitas nos termos do respectivo contracto e que os interesses da cidade sejam devidamente acautelados.

Mas não me parece quo a sua acção possa ser l-var a Companhia a fazer o que não a obriga o contracto; e não se falando em novos reservatórios, de duas, uma: ou não são necessários, ou sendo necessários houve omissão.

A mim, que não sou engenheiro, mas apenas uma pessoa habituada a investigar, com estudos feitos nas escolas superiores officiaes ha bem trinta anos, observando e estudando nas horas de ocio, quer-me parecer que este ponto foi daqueles que ficaram para ulterior resolução. Mas má pratica é esta de não fixar, antecipadamente, certos pormenores que depois, com a subtiliza que ás emprezas sempre compraz, são sofismados, com grande prejuizo publico. Haja em vista o que aconteceu com o reservatório previsto pelo contracto de 1888 e que devia ser construido em Ajuda para abastecimento da respectiva área; foi substituido pelo de Arcolena com pura perda da freguezia. Quem se ralou e quem perdeu? A Companhia? O Governo? Não! Só a freguezia ficou prejudicada, e até hoje foi a sacrificada!

Para regular a distribuição de água no bairro económico da Boa-Hora, está sendo construido pela respectiva Direcção das Obras, um depósito em cimento armado com a capacidade de 300.000 litros. Além de reguladores da distribuição, desempenham os reservatorios um papel importante no caso de qualquer eventualidade que tenda a impedir o abastecimento da cidade.

É tanto assim, que no projecto parlamentar de 1921 de novo contrato com a Companhia das Aguas, lá figura no n.º 3.º, 4.º e 5.º da base 1.ª a construção de um novo reservatório com a capacidade minima de 200.000 metros

mais forte perfume do passado. É em Portugal, e como certas cidades de Castela, o paraíso do agnarelista e do arqueólogo. O dédalo das suas ruas estreitas e sombrias, em sucessivas encruzilhadas, sinuosidades e linhas zigue-zagueantes, o perfil movimentado dos prédios, os ressaltos dos pavimentos, as arcadas góticas, as vetustas torres, romanadas, godas e ogivais, os panos negros de muralha, as portas na escala humana e as janelinhas quinhentistas, a arrancada dos gigantes e o vôo dos pináculos, tudo nos transporta a existências remotas e a um mundo extinto de formas pitorescas. De quando em quando um coruchêu cónico eleva-se sobre um telhado doirado de musgo, ou um friso de esgrafitos tremula numa cornija, ou um ameado gótico ou manuelino remata um palácio ou um pardiheiro, ou uma galeria abre a sua arcada aérea sobre alpendradas de granito e fustes brancos de mármore. É o mundo dos imprevistos e dos contrastes.

*cubico para ocorrer em circunstancias anormais á deficiencia na rede de distribuição e melhorar o abastecimento da zona alta da cidade, bem como a construir mais dois novos reservatorios, um para a zona media e outro para a zona baixa do lado ocidental da cidade, e ainda um terceiro na extremidade da linha marginal, de modo a regular convenientemente o serviço de distribuição de água.* Os reservatorios de entrada de água na cidade deveriam ser r-forçados com outros novos, de modo a assegurar a alimentação das máquinas elevatorias durante um minimo de doze horas, devendo ser elevada directamente dos reservatorios de entrada do canal a água da zona alta da cidade. As antigas máquinas de condensação, que no seu funcionamento absorviam uma quantidade importante de água, deviam ser substituidas por uma central electrica dotada de maquinismos elevatorios modernos de harmonia *com os volumes de água a elevar.* E tal importancia foi dada ao primeiro dos reservatorios indicados, que a Comissão Parlamentar de Comércio e Industria, alvitrou que a sua capacidade fôsse de 400.000 metros cubicos. Parte destes melhoramentos — excluidos os reservatorios propostos — foram realizados, segundo nos consta, com o antigo fundo das obras novas.

Como na 1.ª fase do actual contrato a Companhia devia aproveitar toda a secção de vasão do canal do Alviela introduzindo nelle, durante a estiagem deste rio, as águas do Rio de Ota, no máximo que fôsse possível captar, para o que devia duplicar os sifões do canal do Alviela.

Alguém me disse que se trata de fazer as obras dispensando a construção de novos reservatórios por ser muito dispendioso. Mas, na verdade, não estando no Olimpo, não sei quais os segredos dos Deuses; sómente sabendo que se há Deuses protectores, há-os também bem traiçoeiros.

O que quero frisar é a importancia capital para a cidade, das obras desta fase. Com reservatorios ou sem eles, a cidade, e toda ela, tem de ser amplamente abastecida segundo as suas necessidades. E aqui de novo vem a pêlo fixar a quantidade de água de que carece. Os 145.000 metros cubicos que a Companhia canalisa nesta fase, distribuidos pelos seus 600.000 habitantes dão perto de 245 litros por habitante, o que afinal não é uma fartura por ai além, em que se possa morrer afogado. Mas se reduzirmos este numero a 150 litros, já bastante inferior ao preconizado pelos preceitos modernos, temos que a cidade de Lisboa, requere para o seu abastecimento um minimo de 90.000 metros cubicos nas 24 horas.

(Continúa)

B. S.

Concent. Mus. 1 de Junho de 1914

Na séde desta prestimosa colectividade realisou-se no dia 28 do próximo pretérito mês uma brilhante festa comemorativa do aniversário da sua fundação, e, simultaneamente, o inicio, com apreciavel esplendor, da «Semana das Sociedades de Recreio», interessante iniciativa da F. D. S. P. E. R., patrocinada pelo nosso colega «O Século».

Antes de se efectuar o *baile dos capacetes*, que decorreu animadamente até de madrugada, houve uma sessão solene, para a qual foi convidado a presidir, em nome do director de «O Comércio da Ajuda», o redactor Alexandre Settas, secretariado pelo chefe da esquadra de policia da área e do comandante dos Bombeiros Voluntarios de Campo de Ourique.

O sr. José Maria Coelho Junior, membro directivo dessa agremiação, apresentou ao auditório, na qualidade de conferente, o nosso valioso colega sr. Alfredo Gameiro, que, numa bem elaborada palestra, tratou desenvoldidamente das sociedades de recreio, e da sua função moralisadora pela influencia que exerce nas juventudes, referindo-se não só a esta acção benéfica como ainda focando-as sobre outros curiosos aspectos, todos eles honrosos.

Depois de largamente haver disertado, sempre com um crescente entusiasmo dos assistentes, o orador teve, por fim, palavras de engrandecimento e apoio para esta obra, coadjuvada pelo jornal «O Século».

Muito aplaudido e abraçado, no final do seu discurso, o nosso amigo e colega Sr. Alfredo Gameiro foi brindado com um gracioso ramo de flores, entregue por uma gentil menina que lh'o ofertou em nome das senhoras presentes.

Antes de se encerrar a sessão solene o Sr. Coelho Junior teve palavras de agradecimento para «O Seculo» mas não esquecendo o nosso modesto jornal, proferiu um viva ao «O Comércio da Ajuda», que foi secundado por todos os circunstantes.

Não quiz a Direcção, por muita gentileza, que lograssemos sair sem que fôssem reiterados os seus agradecimentos á gentil aquiescência do Sr. Alfredo Gameiro em apresentar o seu curioso trabalho expressamente elaborado para aquele fim, e, convidou-nos para um Pôrto de Honra, onde se trocaram com sinceridade votos pelas prosperidades pessoais e colectivas de todos os presentes.

**BILHETES DE VISITA**

Desde 4\$00 o cento

Gráfica Ajudense-C. da Ajuda, 176-Telef. B. 329